

# CARTA<sup>1</sup> XVIII<sup>2</sup> (12 DE DEZEMBRO DE 1664)

AO ILUSTRÍSSIMO SENHOR B. D. S. DE WILLEN VAN BLIJENBERGH<sup>3</sup>

VERSIO<sup>4</sup>

TRADUÇÃO E NOTAS:

EMANUEL ANGELO DA ROCHA FRAGOSO\* E FLORA BEZERRA DA ROCHA FRAGOSO\*\*

Meu senhor e amigo desconhecido,

**T**ive a honra de já ter folheado várias vezes com atenção seu *Tratado* e o *Apêndice*<sup>5</sup>, recentemente publicado. Melhor seria dizer a outros do que a Vossa Senhoria<sup>6</sup>, da grande solidez que nele encontrei e do prazer experimentado com isto. Mas eu não posso deixar de mencionar que quanto mais o releio com atenção, mais me agrada; e que continuamente observo alguma coisa que eu não tinha notado antes. Mas na verdade (para não parecer um bajulador) não expressarei nesta carta muita

admiração para com o autor: sei que os Deuses tudo vendem pelo labor. Mas, para não mantê-lo por muito tempo ignorando quem é o

\* Professor do CURSO DE MESTRADO ACADÊMICO EM FILOSOFIA DA UNIVERSIDADE ESTADUAL DO CEARÁ - UECE e Coordenador do GT BENEDICTUS DE SPINOZA.

\*\* Graduanda em FILOSOFIA na UNIVERSIDADE ESTADUAL DO CEARÁ - UECE e BOLSISTA DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA PIBIC-CNPQ.

<sup>1</sup> A correspondência entre Blijenbergh e Spinoza compreende oito cartas, quatro de cada um, no período compreendido entre dezembro de 1664 e junho de 1665. As cartas foram escritas originalmente em holandês.

Nossa tradução foi feita a partir da versão inglesa de A. Wolf [W]\*, cotejada termo a termo com a tradução francesa de Madeleine Francès [MF]\*\*, com a tradução espanhola de Atilano Dominguez [AD]\*\*\*, com a também versão espanhola de Florencio Noceti e Natascha Dockens [FN]\*\*\*\* e com o original holandês e a versão latina (*versio*) de Carl Gebhardt [CG]\*\*\*\*\*, que apresenta a *versio* e o original holandês na mesma página. Nas cartas enviadas por Blijenbergh, na parte de cima da página está o original em holandês e na parte de baixo, a *versio*. Para as cartas enviadas por Spinoza, ele inverte: em cima a *versio* e embaixo o original holandês. As páginas são numeradas como 79 (parte de cima) e 79b (parte de baixo).

\* **THE CORRESPONDENCE OF SPINOZA.** Translated and edited with introduction and annotations by A. Wolf. New York: Lincoln Mac Veagh, The Dial Press, 1927. Letter XVIII, p. 141-145.

\*\* **SPINOZA ŒUVRES COMPLÈTES.** Texte traduit, présenté et annoté par Roland Caillois, Madeleine Francès et Robert Misrahi. Paris: Gallimard, 1954. Bibliothèque de la Pléiade. Correspondance, p. 1045-1303. Notes, p. 1511-1525. Lettre XVIII, p. 1118-1121.

\*\*\* **SPINOZA - CORRESPONDENCIA.** Introducción, traducción, notas y índice de Atilano Domínguez. Madrid: Alianza, 1988.

\*\*\*\* **LAS CARTAS DEL MAL.** Correspondencia Spinoza-Blijenbergh. Comentario Gilles Deleuze. Com prólogo de Florencio Noceti. 1. ed. Traducido por Florencio Noceti e Natascha Dockens. Buenos Aires: Caja Negra, 2006.

\*\*\*\*\* **SPINOZA OPERA.** Im Auftrag der Heidelberger Akademie der Wissenschaften herausgegeben von Carl Gebhardt. Heildelberg: Carl Winter, 1925; 2. Auflage 1972, v. IV, Epístola XVIII - Versão latina ou *versio* (p. 79b-85b) e original em holandês (p. 79-85).

<sup>2</sup> A Carta XVIII encontra-se na [OP]\* em latim (*versio*) e na [NS]\*\*, em sua versão original, em holandês. Van Vloten [VV]\*\*\*, em nota à versão latina desta Carta, assinala que a versão holandesa não possui a saudação em latim anotada à margem, fato este que levou os editores da OP a copiarem a saudação da Carta XX.

\* **B. D. S. OPERA POSTHUMA,** Quorum series post Praefationem exhibetur. [Amsterdã: J. Rieuwertsz], MDCLXXVII [1677]. Epistola XXXI, p. 473-477.

\*\* **DE NAGELATE SCHRIFTEN VAN B. D. S.** Als Zedekunst, Staatskunde, Verbetering van 't Verstant, Brieven en Antwoorden. Gedruk in 't Jaar MDCLXXVII [1677]. Eenendartigste Brief, p. 528-531.

\*\*\* **BENEDICTI DE SPINOZA OPERA QUOTQUOT REPERTA SUNT.** Recognoverunt J. van Vloten et J. P. N. Land. Editio Tertia. Hagae Comitum, apud M. Nijhoff, MCMXIV [1914], 4v. em 2v. Epistola XVIII (*versio*), Tomus Tertio, p. 58-61. (Nota 1, p. 58).

<sup>3</sup> Willen van Blijenbergh (1632-1696), nascido em Dordrecht, era comerciante de grãos, calvinista convicto e aficionado à filosofia. Como fica claro pelo teor de suas cartas e pelos livros que escreveu, subordinava a filosofia à teologia. Segundo [JGP]\*, Blijenbergh “[...] era um mercador abastado de Dordrecht, devotado à Teologia. A sua correspondência, prolixa, brutal, indiscreta e escrita com intenções bastante suspeitas, termina por cansar a inalterável paciência de Spinoza, que rompe qualquer comércio com ele. Blijenbergh vingou-se, publicando contra Spinoza um livro repleto de ofensas, intitulado *La Verité de la religion chrétienne*.”

\* **LETTRES DE B. DE SPINOZA.** Inédites em français. Traduites et annotées par J.-G. Prat. 2. ed. Paris: C. Reinwald, 1885. (Nota 2, p. 25).

<sup>4</sup> Só tem na OP.

desconhecido que teve o atrevimento de escrever a Vossa Senhoria, direi já que é alguém que, impulsionado somente pelo desejo da verdade pura nesta vida curta e passageira quer fincar solidamente os pés no conhecimento até onde a razão humana [*menschelijk verstant*] permita; alguém que, para investigar a verdade, não fixou antes outro objetivo do que a própria verdade; alguém que, com a ciência não busca obter nem honras e nem riquezas, mas simplesmente a verdade e a tranquilidade que da verdade resulta; alguém que, entre todas as verdades e ciências, em nenhuma se deleita mais do que na *Metafísica* [*Metaphysica*], se não com toda ela, pelo menos com algumas de suas partes; e alguém para quem todo o prazer de sua vida está em dedicar-lhe as horas ociosas de que possa dispor. Mas imagino que a ninguém ela faz tão feliz, nem ninguém põe nela tanto esforço como Vossa Senhoria; e, por conseguinte, ninguém alcança o grau de perfeição que eu percebi em seu trabalho. Em uma palavra, é alguém que Vossa Senhoria poderá conhecer melhor, se acaso vos agrada estabelecer um vínculo para ajudá-lo a abrir e penetrar seus intrincados pensamentos.<sup>7</sup>

Mas volto ao *Tratado* de Vossa Senhoria. Assim como encontrei nele coisas deliciosas, também encontrei algumas que meu estômago não pode digerir muito bem. Não conhecendo Vossa Senhoria, não ficaria bem apresentá-las como objeções, já que ignoro se isto lhe agrada

<sup>5</sup> Spinoza publicou em vida somente duas obras: em 1663, o tratado a que se refere Blijenbergh, **RENATI DES CARTES PRINCIPIORUM PHILOSOPHIÆ PARS I & II, MORE GEOMETRICO DEMONSTRATAE PER BENEDICTUM DE SPINOZA AMSTELODAMENSEM. ACCESSERUNT EJUSDEM COGITATA METAPHYSICA IN QUIBUS DIFFICILIORES, QUE TAM IN PARTE METAPHYSICES GENERALI, QUAM SPECIALI OCCURUNT, QUÆSTIONES BREVITER EXPLICANTUR.** Amstelodami, Apud Johannem Riewerts, *in vico vulgo dicto*, de Dirk van Assen-Steeg, *sub signo Martyrologii*, 1663. (**PRINCÍPIOS DE FILOSOFIA CARTESIANA - PPC** com os **PENSAMENTOS METAFÍSICOS - CM** em apêndice) e o **Tractatus Theologico-Politicus** apud Henricum Künrath, Hamburgi (**TRATADO TEOLÓGICO-POLÍTICO - TTP**), que foi publicado sem o nome do autor e com falso local de impressão em 1670.

<sup>6</sup> Visando manter o formalismo original empregado por Blijenbergh, optamos por traduzir por “Vossa Senhoria” a forma de tratamento formal empregada pelo missivista (UE. no original holandês).

<sup>7</sup> Adotamos o sistema de parágrafos da versão latina (*versio*) dada por Carl Gebhardt, que reproduz a *versio* da OP, por esta estar mais próxima da estrutura da língua portuguesa. Na versão em holandês, este ponto não é parágrafo.

ou desagradará. Esta é a razão pela qual lhe envio primeiro esta carta, rogando que a responda, se Vossa Senhoria, nestas noites de inverno, tiver tempo e vontade de ajudar-me com as dificuldades que me restam em seu livro. Permita-me então enviar algumas, mas com a condição de que não o impeça de fazer coisas mais necessárias ou mais agradáveis. Não desejo nada mais do que o cumprimento da promessa que Vossa senhoria fez em seu livro<sup>8</sup> de uma explicação mais aprofundada de suas opiniões. O que confio, por fim à pluma, teria dito verbalmente a Vossa Senhoria ao ir saudá-lo; mas, de início, pela ignorância<sup>9</sup> do local de seu domicílio, depois uma enfermidade contagiosa e por fim pelas minhas ocupações que me impediram, isto foi adiado repetidas vezes.

Contudo, para não deixar esta carta sem conteúdo e com a esperança de que isto agrade a Vossa Senhoria, proporei somente isto: repetidas vezes<sup>10</sup>, tanto nos **PRINCÍPIOS DE FILOSOFIA DE DESCARTES (PPC)** [*Principia*], quanto nos **PENSAMENTOS METAFÍSICOS (CM)** [*Cogit. Metaph*], seja como sua própria opinião, seja para aclarar a de Descartes, cuja filosofia ensina, Vossa Senhoria afirma que criar e conservar são uma e a mesma coisa (o que é em si tão claro para aqueles que dirigiram seus pensamentos a isto, que constitui um conhecimento fundamental), e que Deus não somente criou as substâncias, mas também o movimento nas substâncias; isto é, que Deus não só mantém as substâncias em seu estado mediante uma criação contínua, mas mantém também seus movimentos e seus esforços [holandês: *pooginge*; latim: *conatum*]. Por exemplo, Deus não somente faz com que a alma [holandês: *Ziel*; latim: *anima*]<sup>11</sup>

<sup>8</sup> A. Wolf (W, p. 405) assinala em nota que esta passagem refere-se ao *Prefácio* redigido por Louis Meyer aos PPC-CM e publicado em 1663.

<sup>9</sup> Cf nota de Madeleine Francès (MF, p. 1517), este termo está ausente do original holandês. Observe-se que na tradução espanhola do original holandês de Florencio Noceti e Natascha Dockens (FN, p. 21) este termo está ausente: “[...] *pero como en principio su domicilio, luego una enfermedad contagiosa, [...]*”.

<sup>10</sup> Wolf (W, p. 405) assinala em nota que esta passagem refere-se à proposição 12 da Parte I dos PPC e aos capítulos 7, 10 e 11 da Parte II dos CM.

<sup>11</sup> Traduziremos literalmente os termos “alma” e “mente”, colocando entre colchetes o termo em holandês e em latim empregado na *versio*.

continue existindo e persevere em seu ser, mediante sua vontade imediata ou sua ação (como queira chamar isto), mas também dirige desta mesma maneira os movimentos da alma [holandês: *Ziel*; latim: *animæ*]; isto é, assim como a criação contínua de Deus faz com que as coisas continuem existindo, assim também o esforço ou o movimento das coisas mantém-se por esta mesma causa, pois fora de Deus, não há nenhuma causa de movimento. Segue-se então que Deus não somente é a causa da substância da mente [holandês: *Ziel*; latim: *Mentis*], mas também de qualquer esforço [holandês: *pooginge*; latim: *conatûs*] ou movimento da mente [holandês: *Ziel*; latim: *Mentis*], ao qual denominamos “vontade”, como Vossa Senhoria afirma a cada passo<sup>12</sup>. Desta afirmação parece necessariamente seguir-se também que, ou não existe nada de mal no movimento ou na vontade da mente [holandês: *Ziel*; latim: *mentis*], ou o próprio Deus produz imediatamente esse mal. Porque também as coisas que nós chamamos más se realizam pela alma [holandês: *Ziel*; latim: *animam*] e, conseqüentemente, por meio da imediata influência e concurso imediato de Deus. Por exemplo, a alma [holandês: *Ziel*; latim: *animam*] de Adão quer comer o fruto proibido. Pelo que vimos acima, a vontade de Adão acontece por influência de Deus, não somente na medida em que ele quer, mas também, como mostraremos a seguir, na medida em que ele quer da maneira que quer. Assim, ou o ato proibido a Adão não é nenhum mal em si mesmo, na medida em que Deus não só movia sua vontade, mas a movia daquela maneira precisa, ou então o próprio Deus parece operar o que nós chamamos mal. E não me parece que nem Vossa Senhoria, nem o senhor Descartes tenham a intenção de desatar este nó dizendo que o mal é um *não ente*<sup>13</sup> [*non ens*], com o qual Deus não concorre<sup>14</sup>:

<sup>12</sup> Wolf (W, p. 405) relaciona esta afirmativa de Blijenbergh com o capítulo 3 da Parte I e o capítulo 11 da Parte II dos CM. Já Atilano Domínguez (AD, Nota 128, p. 164) a relaciona com as seguintes passagens das obras de Spinoza: PPC: capítulo 1, axioma 10 e proposição 12; CM: Parte I, capítulo 3, Parte II, capítulo 7, 9-11.

<sup>13</sup> Wolf (W, p. 405) remete ao CM, Parte II, capítulos 7, 9 e 11.

<sup>14</sup> Wolf (W, p. 405) escreve em nota acerca desta passagem: “Aqui e em outros lugares há uma referência implícita à concepção conhecida como *concursum Dei* ou *assistentia Dei*, a “co-operação de Deus”, através da (**Continua**)

pois, de onde procederia a vontade de comer ou a vontade do Diabo de tentar<sup>15</sup>? Porque, como a vontade (como Vossa Senhoria corretamente observa, não é algo diverso da própria mente [holandês: *Ziel*; latim: *Mente*]) é este ou aquele movimento ou esforço da mente [holandês: *pooginge van de Ziel*; latim: *Mentis conatus*], necessitando tanto num caso quanto no outro do concurso de Deus, que, segundo entendo do escrito de Vossa Senhoria, não é outra coisa que a determinação de um assunto por sua vontade. E daí se segue que Deus concorre, isto é, determina a vontade má enquanto é má, tanto como com a vontade boa. Porque a vontade de Deus, que é causa absoluta de tudo o que existe, tanto na substância quanto no esforço [holandês: *pooginge*; latim: *conatu*], parece então também ser a causa primeira da vontade má, enquanto tal. E neste caso, ou não se dá em nós nenhuma determinação da vontade que já não seja conhecida por Deus desde a eternidade, ou estamos pondo em Deus uma imperfeição. Mas de que outro modo a conhece Deus, senão pelos seus decretos? Então, seus decretos são as causas de nossas determinações; e assim, novamente, parece seguir-se: ou a vontade má não é nenhum mal, ou então Deus é a causa imediata deste mal. E não se pode aplicar aqui a distinção dos Teólogos entre o ato e o mal a ele inerente, porque Deus decretou não só o ato, mas também seu modo; isto é, Deus não só decidiu que Adão comesse, mas também que ele necessariamente o fizera contra sua ordem. Donde, parece seguir-se novamente, ou o comer de Adão contra o que lhe fora ordenado não é um mal, ou então o próprio Deus causa um mal.

Estimado Senhor, eis aí o que até o presente eu não pude compreender no *Tratado*

(**Continuação da Nota 14**) qual Descartes e os Ocasionistas tentaram justificar pela aparente interação entre corpo e alma, na execução da vontade particular, por exemplo. A concepção foi também empregada por Descartes e outros para explicar a contínua existência das coisas”.

<sup>15</sup> Esta passagem apresenta algumas variações: Em AD (Op. cit., p. 164) está: “[...] *la voluntad de soberbia em los ángeles?*”; na *versio*: “[...] *aut voluntas Diabolorum ad superbiam procedebat?*”; e no original holandês: “[...] *wil van de Duyvelen tot hooverdije van daen, [...]*” (Cf. CG, op. cit., p. 83 e 83b, respectivamente). Todos os grifos são nossos.

de Vossa Senhoria. Custa-me aceitar qualquer um dos dois extremos, mas quero esperar um veredicto entendível de Vossa Senhoria que me satisfaça, e a alegria que isto me trará, espero demonstrar a Vossa Senhoria no futuro. Estimado Senhor, esteja seguro de que eu não lhe peço isto por nenhum outro motivo que não seja o desejo pela verdade, e também de que meus interesses não estão em nenhum outro lugar, já que sou uma pessoa livre, que não depende de nenhuma profissão, mas que se sustenta do com negócios honestos e que dedica o resto do seu tempo a estes assuntos. Rogo-te humildemente que minhas inquietudes sejam agradáveis a Vossa senhoria e que quando deseje escrever, coisa que espero com o coração ansioso, escreva a [etc.]<sup>16</sup>

[W. v. B., etc.

Enquanto isso, eu sou e seguirei sendo,

Meu Senhor,

O fiel e seguro servidor de Vossa senhoria,]<sup>17</sup>

W. v. B.

Dordrecht, 12 de dezembro de 1664.



---

<sup>16</sup> Fim da *versio*.

<sup>17</sup> Este final só se encontra no original em holandês.